

Ameaças de represália do Citicorp não assustam ninguém

O risco do seqüestro de bens brasileiros no Exterior em consequência do não pagamento da dívida brasileira foi minimizado ontem por autoridades, políticos e empresários. O próprio embaixador norte-americano no Brasil, Harry Schlaudeman, comentando a ameaça do ex-presidente do Citicorp, Walter Wriston, de que os bancos norte-americanos já "têm os papéis prontos" para pedir à Justiça dos Estados Unidos o seqüestro de bens brasileiros no Exterior, afirmou: "Ele é apenas ex-presidente..."

Schlaudeman encontrou-se ontem de manhã com o ministro Dílson Funaro, da Fazenda. A conversa durou cerca de meia hora, e à saída o embaixador confirmou que o assunto havia sido a dívida externa. Mas não quis dar maiores detalhes, limitando-se a dizer que tinha tratado de "questões gerais".

O ministro da Marinha, Almirante Henrique Sabóia, disse ontem não acreditar que haja qualquer tipo de retaliação ou represália de governos estrangeiros devido a moratória brasileira. Não quis falar-se teme, ou não, o confisco de navios brasileiros em portos no Exterior e negou-se a admitir se chegou a manifestar este receio na reunião do Conselho de Segurança Nacional, mês passado, para tratar da moratória.

Sobre as declarações do ex-presidente do Citicorp e atual presidente do Conselho de Política Econômica, Walter Wriston, segundo as quais haveria seqüestro de aviões e navios brasileiros se não fosse paga a dívida de US\$ 108 bilhões aos Estados Unidos, o ministro da Marinha foi breve: "Trata-se de uma opinião pessoal".

O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, comentando as informações sobre as ameaças de retaliações de banqueiros norte-americanos, afirmou que seria um gesto "absolutamente impensado, um gesto de graves consequências".

Guimarães afirmou que o Brasil já demonstrou a inviabilidade de pagar juros da ordem que são cobrados hoje, em razão das dificuldades conhecidas que o País atravessa, mas que não acredita que os Estados Unidos possam chegar a extremos dessa ordem. "Principalmente pelas responsabilidades internacionais que os Estados Unidos têm", frisou.

O governador do Paraná, Álvaro Dias, disse ontem não acreditar que os bancos credores possam efetuar o seqüestro de bens brasileiros no Exterior: "Esse tipo de retaliação não repercutiria bem internacionalmente, o que prejudicaria os próprios credores". Segundo Dias não há sequer despalco legal para que o seqüestro seja concretizado: "Os aviões, por exemplo, pertencem à iniciativa privada, que não é devolutiva".

Embora os exportadores de calçados não acreditam que o setor seja atingido pelas retaliações que poderão vir dos Estados Unidos em consequência do não pagamento da dívida externa, eles têm-se mantido informados sobre as reações norte-americanas através de relatórios enviados, que diariamente, pelos lobistas contratados para defender seus interesses no Exterior. Na próxima semana, um deles, o ex-embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Anthony Motley, deve vir ao Rio Grande do Sul para dizer pessoalmente aos calçadistas do Vale dos Sinos — responsáveis por 70% das exportações brasileiras de calçados — como está a situação nos Estados Unidos, anunciou, ontem, o presidente em exercício da Associação das Indústrias de Calçados do Estado, Raul Martini.

Ao comentar ontem as declarações de Walter Wriston, o vice-presidente do grupo Gerdau, Frederico Gerdau Johannpeter, revelou que, em contato com banqueiros brasileiros, soube que a tradução do que disse o ex-presidente do Citicorp foi "pouco diferente" do que ele afirmou exatamente, mas que, de qualquer forma, a situação é "preocupante". Todavia, Gerdau não acredita em radicalização e manifestou a sua expectativa de que, dentro de alguns dias, serão retomadas as negociações com os credores, para que em três meses possa ser suspensa a moratória, retomando-se os pagamentos e, ao mesmo tempo, obtendo-se recursos novos.